

ECHO MUNICIPAL

ORGAN LITTERARIO, NOTICIOSO E IMPARCIAL

PROPRIETARIOS—MOREIRA & SEIXAS. REDACTOR—Manoel Saturnino de Seixas

ECHO MUNICIPAL

4 de Maio de 1879.

Ha um anno que a nossa população lutou com a horrivel epidemia que dizimou tão preciosas existencias; em que tantas familias d'entre nós tiveram que cabrer-se de crepe e de lamentar e carpir a separação eterna de alguns dos seus mais prestantes membros.

Ha um anno que o inexoravel anjo da morte abrindo suas negras asas sobre a nossa nascente povoação, fêz a juncar-se de cadáveres...

Ha um anno finalmente em que se via fugirem horrosasdas portadas as direcções caravanas de emigrantes que, possuidos de verdadeiro panico, procuravam evitar o pestilento contagio...

Era realmente commovente o quadro que se apresentava então o nosso povoado: a maioria das suas habitações, desertas, annunciava a desolação e o desanimo; o dobrar continuo e condolente dos campanários, e semblante sombrio e espantado dos poucos transeuntes que então se via percoerem as ermas ruas; o terror e o susto que se desenhava em todos os rostos, o luto de que então se compunha a maioria dos trajos... tudo estereotypava a prostração moral, o desanimo e o desalento de uma população inteira, de cujo seio se havia apartado a esperança, essa molga e inseparavel companheira da humanidade.

A propria atmosfera era então pesada, oppressora e triste.

A natureza toda trajava luto.

As festivas aves não mais cantavam em nossos vergeis.

Eram ellas substituidas por lugubres bandos de agouzeiras aves negras.

Tudo então traspassava os corações.

.....

Mas a Divina Providencia veio em breve em nosso auxilio.

Passou a horrivel tempestade e logo após, veio-nos a desejada bonança.

A negra nuvem que toldara os nossos esplendidos horizontes fôra

providencialmente impellida para bem longe.

Em seu lugar vemos hoje o siderio espaço transparente, azulado, limpo e recamado de rutilantes astros.

E será esta metamorphose o simples resultado de uma lei natural — a lei eterna dos contrastes? Altos arcanos de Deus!

Assim como cada qual de nós tem a sua má estrella parece verificar-se a mesma contingencia em referencia a algumas localidades.

Ao passo que rememoramos transidos de dor os luctuosos acontecimentos produzidos pelo horroroso flagello do anno passado entre nós, os nossos vizinhos Loreenses lamentam com justos motivos barbações seus filios.

Congracemo-nos si quer na adversidade.

Acompanhamol-os penalizados nos agros transe por que tem passado mais de uma vez — e tomamos grande parte no horror de que se acham possuidos ante as scenas de canibalismo e de sangue de que tem sido theatro o seu torrido natal.

Explica-se facilmente o apparecimento da epidemia o anno passado entre nós.

O grosso do povoado, onde com especialidade mais desenvolveu-se e recrudesceu a epidemia, á margem direita do Parahyba, é edificado em um terreno excessivamente plano e um tanto paludoso.

Povoação nascente como é, não podia já, em sua fundação, pôr em via de execução aquellas medidas de hygiene que mais tarde foram adoptadas.

Pouco accio, alguns paúes, grande agglomeração de povo e principalmente de trabalhadores da linha ferrea, na sua maioria habitando pardieiros immundos, infectos, humidos, acanhados e accumulando ao mesmo tempo um só compartimento as funcções de dormitorio, cozinha e casa de vivenda; não era de estranhar-se que ahi se desenvolvesse febres de mau caracter, epidemicas, como aconteceu.

Na Barra do Pirahy e em outros pontos da E. de Ferro, por identicos motivos — verificou-se o mesmo, e grande foi a mortandade resultante...

Hoje, porem, graças nos esforços do governo provincial, á iniciativa particular e ao auxilio que prestamos então a vizinha Edilidade, as condições climatericas da localidade estão inteiramente transformadas.

Grandes valias para esgotos foram abertas nos logares mais paludosos; um sem numero de criações domesticas que infestavam a povoação foram removidas para fóra; as casas de negocio foram e são sempre examinadas com minucioso cuidado por uma commissão sanadora, assim como os respectivos quintais de todos os predios; as ruas são conservadas limpas, etc.

Grande quantidade de portões de trabalhadores da linha ferrea foi derrubada, e por conseguinte as principaes fontes de miasmas deletorios foram obliteradas.

Está finalmente hoje tão transformado o plateau onde se acha edificada a nova povoação que aquellos logares que outrora eram verdadeiros charcos estão actualmente tão enxutos que mal se os conhece.

Em vista, pois, de tão salutaras medidas que foram tomadas, não resta a menor duvida de que, como firmemente se crê, jamais seremos visitados pelo medonho flagello da epidemia.

E tanto mais se baseia em bem fundada esperança a nossa expectativa — quanto é certo que já atravessamos felizmente o mais grave periodo de tempo, comprehendido entre os mezes de Dezenbro e Março, epocha em que a febre mais recrudesceu entre nós o anno passado.

A nossa população está bem convencida d'esta verdade, pois que vemol-a, graças a Deos, caminhar desassombada, para um auspicioso e risouho porvir.

Cachoeira sempre foi reputada salubre, á excepção do anno passado que foi um anno calamitoso por excellencia.

Em eguaes circunstancias, como dissemos, localidades reconhecidas como saudáveis tiveram no mesmo

tempo que lamentar o insolito apparecimento de molestias epidemicas.

E' preciso, portanto que se afastem mal entendidos preconceitos que se quer fazer pesar sobre a nossa povoação que, com o favor da Providencia Divina, irá gradualmente reconquistando os fóros de um dos mais salubres, amenos e agradaveis pontos da linha ferrea de D. P. H.

COLLABORAÇÃO

A Escravidão

A scena mais vergonhosa, mais triste e mais lamentavel, que o mundo apresenta a natureza admira, é sem duvida a de — Escravidão.

Quando da montanha Santa do Calvario, o filho do Eterno, domesticando os povos, ensinava-lhes a sublime palavra da igualdade; quando padecendo a morte da Cruz, pregava-lhes a grande maxima do Evangelho: — todos irmãos — todos iguaes.

E' infelizmente o que se observa.

De um lado o grito de morte, sahido do peito do misero captivo; de outro o grito entusiasta da forte mocidade, procurando restituir-lhes sua antiga liberdade. Oxalá, que seu sonho dourado seja, no futuro, a immortalidade de seu nome glorioso.

Si folhearmos as paginas brilhantes da historia, desam mais dos seculos, e dos tempos já idos, ella por certo lançará seu enaltheza naquello que, como primeiro, desprezando as verdades puras do Golgotha, procurou um novo supplicio para a misera e degradante raga de Cain.

E o proscripto, sempre vagando na immensidade do espaço, ora contempla alegre e contente o seu auxilio de sua patria, ora soffoca sua condição com o pranto, sentido da saudade.

A America, o planeta banhado de Colombo ainda dorme na cegueira e o povo apalpa os feitos do homem-rei.

Triste humanidade! Cada passo que das para o futuro é um novo abismo que cavas para as gerações vindouras. Mas, quando roer no intimo de tua alma o verme do remorso então será tanta, resta-te-lhe tão somente para mira o grande espelho do passado.

A escravidão tem por consolo — as lagrimas, o trabalho e a esperança: as primeiras, filhas do seu triste condico, o segundo, o sustentaculo da riqueza e da ociosidade e a terceira, finalmente, um raio de vida e de luz, esperando dos novos povos a sua primitiva liberdade.

E assim succederá!

A juventude, quando illuminada pelo grande sentimento da caridade e da inspiração, bradará com todas as veras de sua alma: — Basta! E' tempo de estabelecermos a antiga Igualdade; é tempo de destruímos os grandes castellos, construidos por nossos antepassados; é tempo de participarmos dos mesmos direitos e termos uma só communhão de crenças — a Eguidade. E os factos já vão se patentecendo. Uma saudação a aurora do dia 28 de Setembro.

S. Paulo, Abril de 79.

G.

NOTICIARIO

Monumento.—Em sessão de 29 do mez passado s. exa. o sr. Conselheiro José Bonifácio pronunciou um discurso sobre a reforma da Constituição, onde teve occasião de falar sobre a reforma eleitoral, pelo censo alto e baixo. E' o referido discurso um luzeiro, suas multiplicas proposições sobre o assumpto — perolas de inestimavel valor: são sentenças as suas palavras que constituem por si verdadeiros axiomas.

Não é um discurso superficial enfeitado de flores de rhetorica simplesmente: ahi se encontra tudo em profusão: belezas e sobre-tudo fundos. E' um monumento.

Outro tanto não se deu acêrca dos apates do sr. Martin Francisco. Confessamos que magoou-nos ter s. exa. opinado contra o desejo manifestado pela illustrada população Fluminense que desejou peneirar no recinto da Assembléa. Nada mais natural e justificavel.

Illustrada como é, a população da Capital do Imperio quizera estreitar em gigantesco amplexo aquelle vulto homérico, legitima vergonha dos Andradas,—orgulho e gloria da nação Brasileira—José Bonifácio!

S. exa. provou de modo incontestavel que o unico legitimo, possivel, aceitavel e verdadeiro soberano chama-se Povo. Assim compre-

Do fundo da nossa obscuridade levantamos um brado de verdadeira admiração em homenagem ao consumado orador, ao idolo do povo Brasileiro, ao Conselheiro José Bonifácio!

Retirada.—S. ex. o sr. dr. — Chefe da Policia regressou de Lourenço para a capital da Provincia no dia 27 do mez p. passado.

Informam-nos que dos inquiridos a que s. ex. pessoalmente assistia, maxima do depoimento do preito Tibério se evidencia que o unico, culpado e autor do horrendo assassinato do Capto J. I. Bettencourt é de facto o referido escravo Tibério que, ao que nos consta, confessou o crime.

Agente.—Da estação da E. F. de Pedro II n'esta localidade passou-se para a de Pinheiros, na mesma E. o nosso amigo sr. J. A. Tostes que aqui residio por algum tempo. S. s. deixa-nos saudosas recordações, por quanto é um perfeito cavalheiro, zeloso no cumprimento dos seus deveres, e como particular, um excellentes chefe de familia e amigo dedicado dos seus amigos. Veio substitui-lo n'esta estação o sr. Floriano Pereira da Silva, que também conhecemos pessoalmente de Volta Redonda, de onde foi agente, tendo sido ultimamente removido para a estação da Corte, e dali para aqui.

O novo agente, sr. Floriano goza de boa nomeada nos logares, onde tem permanecido.

Assim é que, sentindo a retirada do sr. Tostes, não podemos deixar de felicitar-nos por ter elle sido tão dignamente substituido.

A redacção d'este periodico cumprimenta ao sr. Floriano P. da Silva,

Prisão importante.—A 1.ª do corrente o sr. Subdelegado em exercicio, tendo recebido um telegramma do sr. ex. o dr. Chefe de Policia da Provincia no qual lhe ordenava a prisão de João de tal, que n'esse mesmo dia havia partido da estação do Norte com alguns objectos furtivos, e com destino a localidade; o sr. Subdelegado, em companhia do prestante commandante de Policia, sr. Tenente Pinho incontinentem fôra a estação de Pedro II acompanhado tambem de praças policiaes a fim de realizarem a captura ordenada.

De facto foi esta diligencia levada a effecto, por quanto João, cujos signaes caracteristicos foram perfeitamente delatados por s. ex. o sr. dr. Chefe de Policia, ao saltar do trem expresso fôra logo reconhecido, preso e remetido pelo mesmo trem a capital da Provincia.

Merecem os nossos encomios a actividade e energia de s. ex. o sr. dr. Chefe de Policia, assim como a boa vontade e presteza com que cumprem as ordens superiores as nossas dignas autoridades locais.

Tufão.—Na noite de 29 para 30 do mez proximo passado soprou tào rijo nordeste, acompanhado de chuva que não deixou de incommodar seriamente a muitos dos moradores da localidade. Foi, entretanto, pouco duradouro, pois, a prolongar-se, traria com certeza não pequenos prejuizos.

Collaboração.—N'esta secção damos hoje publicidade a um interessante artigo que nos foi remetido de S. Paulo por um nosso distincto e illustrado collaborador alli residente e que se encobre sob a inicial G. —

Chamamos para o referido artigo, que traz por epigraphe *A Escravidão e a attenção dos nossos leitores*—que sem duvida concorrerão com nosco que esse trabalho litterario encerra em si real merecimento por expender idéas muito de accordo com os progressos e com a civilização da presente geração.

Folhetim.—Tambem damos hoje publicidade na respectiva secção a um minoso folhetim, produção do nosso incansavel e intelligente collaborador V. P., que com proverbiaal pontualidade auxilia-nos sempre na ardua tarefa de offerecer aos nossos leitores algumas produções dignas das suas benevolentes attensões.

Baptizado.—A 30 do mez p. passado por occasião de baptizar-se um innocente filho do nosso amigo sr. Joaquim da Silva Reis, a convite d'este tomamos parte n'uma reunião familiar em sua residência, onde nos fôra offerecido um profuso copo d'agua. A' noite em casa do Rm. sr. Padre Antonio C. Ribeiro, reunidas as mesmas familias que estiveram antes em casa do sr. S. Reis — improvisou-se uma soiree que prolongou-se até á meia noite.

Agradecendo ao nosso amigo sr. Reis a delicadeza e a amabilidade com que hospedou-nos, fazemos votos pelo risonho futuro do seu innocente filho.

Encurtia.—Por que o sr. Fiscal da Camara não nos ha de auxiliar remetendo por todos os correios um officinho lamurioso á respectiva Edilidade, reforçando d'esse modo

as nossas constantes e repetidas reclamações á respeito do grande fôjo do largo da estação? Deve em suas missivas á municipalidade lorenense lembrar nos illustres camaristas que o referido fôjo é capaz de contê-los todos e até o edificio municipal.

Desleixo.—Chamamos mais uma vez a attenção do sr. Fiscal da localidade para a multidão de cães ferozes que infestam dia e noite as ruas da nossa povoação, que a margem direita, que á esquerda do Parahyba. Já em o n. 39 d'esta folha pedimos a essa autoridade urbana providencias tendentes a garantir a segurança dos transeantes que constantemente estão sendo acometidos por esses importunos representantes da raça canina. Já denunciamos ao sr. Fiscal um facto lamentavel n'este sentido: aquelle que se refere ao infeliz indigente Joaquim de Souza, agredido, maltratado e ferido por um cão sem pleuro povoado, em frente ao hotel do sr. Silva.

Não sabemos entretanto que se haja tomado as providencias reclamadas. Os cães multiplicam-se de dia para dia e a nossa população sofre com isso.

Lembramos ao sr. Fiscal que, além da casta capina que regorita no povoadado da margem direita, lamentamos igualmente a margem esquerda do Parahyba a existencia de tantos cães sem nenhuma utilidade e sem conservados, parece que propositalmente, para flagello da humanidade.

Claremos entre outros, o seguinte facto: Existe em certa casa á margem esquerda, no espaço comprehendido entre este povoado e o porto da baía uma respeitavel ca-deia que é o terror da população, e que da motivo a que muita gente evita passar por aquelles sitios, concorrendo d'esta maneira para que os mais timoratos façam uma volta immensa para tomar a baía, passando pelas proximidades do extinto barracão.

Ora, a conservação de taes animaes daminhos e ferozes é a mais requintada falta de consideração para com o publico, digmo sem duvida de todas as atrocidades.

Fazemos votos para que nos attendam em tão justas reclamações, mormente o sr. Fiscal, por quanto sabemos que se a elle ainda fôrmos impellido, com certeza tornar-nos-hemos inconvenientes, o que desejamos deversas evitar.

Prêlo de pão.—Do Reporter extra-

trahimos:

«Lemos na Matraca de Campos, o seguinte: «O Sr. Luiz Silva, engenhoso artista de carpinteiro, acaba de aperfeiçoar um prêlo de pão que é o da Alvorada de S. João da Barra, propriedade de um nosso collega.

«E' uma obra perfeita: uma novidade na typographia moderna.

«E' muito economico e solido pela excellente qualidade da madeira.

«A obra é inteiramente engenhosa e com todos seus accessorios e commodidades precisas.

«O sagaz artista Luiz Silva não requer privilegio sobre esta materia prima, apenas com muita lealdade quiz satisfazer a um amigo e conterraneo.

«Pois o inventor é tambem filho de S. João da Barra.

«Agora o mesmo senhor acaba de aperfeiçoar um prêlo de pequeno tamanho proprio para impressões de obras pequenas.

«Legando um nome de gloria á tão engenhoso artista, cumpre-nos cingir-lhe uma corda de rosas comilidas do selo de Guttemberg em signal de agradecimento das pequenas typographias que no seu conego não dispõem de recursos monetarios.»

CHARADAS

Offerecidas ao M. D. Redactor do Echo Municipal.

1-1-2-2.—Não é bem isolado o signo, para os mortos.

2-2.—E' exacto e corre, este nome masculino.

2-1-1.—E' filho de meu pai e resto, d'Israel este homem.

1-1-1-1.—E' cognome, na dança; o praeiro do nito aperta o nome masculino.

1-1.—Sabe ler? Affirme! Com principio de xastre é cognome.

3-1.—E' Magestoso e venerando este nome.

1-1.—Na alma, cilias este cognome.

1-1-1.—No moinho reina, o amphibio sem 'é cognome.

2-2.—Está no sapato 100, é signal orthographic.

2-1.—A' setta aguda não doente é propriedade de Eolo.

As do n. 34 são: — Agrippina, Alcuquer, Alcino, Alencastro, Andalucia, Arabuca e Armusa.

Cachoeira, Abril de 1879.

G. B. Meuvier.

Litteratura

GONZAGA.

Desgraça! eis tudo que resta Da terra dos Prometheus! O mundo sem liberdade, Um infinito sem Deus! No dorso das cordilheiras Balem rias, apereiras As marteladas do algar, E o carraço negro, immundo Pregando o esqueio de um mundo No seu sudario de herões.

Eil-o sublime por terra, Qual no oceano é grande o sol, Faz dos Andes travessias, Do firmamento lengoi: Condor solto do America, Mourou... mas na garra ibérica Não sangra um grito de dor. E o Oceano Cas-enorme Pergunta si o Brazil dorme Vivando aos pés do-Senhôr.

Dormir... não! qu'esas tripudiaes São de um povo os funeraes Mas ninguém vela-lhe em torno! Grandes da patria onde estaes? Ah! lá os vejo altanados Fortes, solto-rios alçados Se erguendo mesmo ao cair Bravo! Brava herões olhai-os, Si também são como raios Que despertam no porvir.

Eil-o o gigante da praça O Christo da multidão; E Tiro-dentes quem passa Dexam passar o Titan. Subiu, subiu e bem alto— Mas eis de um grande salto Tombara depois no chão... Foi como a agulha fulminada Pelas garras penduradas— Como um trophéo no labor.

Longe... por plagas infindas, Lá onde é de fogo o réu Surge do mar uma ilha E da ilha um homem se ergueu. Ao surdo rugir das vagas— Balem-lhe d'alma nas plagas Nas ondas de seu seismar: E o sol que tomba sangrento E' o adeus ao pensamento Que elle nos manda do mar.

Profundo olhar no horizonte Ao vento exposto a cerviz E Tavo olhando Eleonora E' diante d'ella Beatriz Lá no rochedo escavado.

Quem é o grande desterrado
Maíre que Napoleão—?
Silêncio! Uma voz sombria
Murmura:—Brazil, Maria,
F. Gonzaga. Oh maldição!

Castro Alves.

A VIRGEM MARIA

Parece-nos que se poderia dizer alguma coisa de bem tocante sobre esta mulher mortal que se tornou a mãe immortal d'um Deus redemptor sobre esta Maria ao mesmo tempo virgem e mãe; os dois estados mais divinos da mulher: sobre esta jovem filha do patriarcha Jacob que vem em socorro das misérias humanas e sacrifica um filho para salvar a raça de seus pais. Aquella terna medianeira entre nós e o Eterno, frangeira com a doce virtude de seu sexo um coração cheio de compaixão às nossas tristes confidencias e desarma um Deus irritado: dogma encantado que atenuou o terror de um Deus, interpondo a belleza entre o nosso nada e a magestade Divina. Os castigos da Egreja nos figuram a bemaventurada Maria collocada sobre um throno de candura, mais fulgido do que a neve; ella brilha sobre este throno como uma *rosa mysteriosa*, ou como a *estrela matutina precursora do sol da graça*; os bons anjos a servem, as harpas e as vozes celestes formam um concerto ao redor d'ella; reconhece-se então n'esta filha dos homens o *refugio dos peccadores*, a *consolação dos afflictos*; ella descobre as santas iras do Senhor: é toda bondade, compaixão e indulgencia. Maria é a divindade da innocencia, da pureza e do infortunio. A multidão de seus adoradores em nossos templos se compõe de pobres marinheiros que ella tem salvo dos naufragios, de velhos invalidos que ella livrou da morte debaixo das armas dos inimigos da França, de donzelas das quaes aliviou as dores. Estas trazem seus filhinhos perante sua imagem, e o coração do recém-nascido que não compreheende ainda o Deus do céu, comprehende entretanto esta divina mãe que tem um filho em seus braços.

(*Genio do Christianismo*, 1.ª part. liv. 1 cap. 5.)

Cachoeira, 20 de Abril de 1879.
Tradução de Adolphina de Azevedo.

Variedade

—Um Martyr—
CONTO ORIGINAL POR
Calanio Repari.

Offerecido a
Eurico N. Albuqua
VII

As duas cartas de Alípio eram as seguintes:

« Meu pai: — O filho, que fez um dia envergonhar seu pai, devia ter a coragem de se matar. Foi também covarde. Juntei a covardia ao crime.

Não me verá porém mais; não irei manchar com a minha presença vil as suas cãs honradas; não irei juntar o insulto ao soffimento: arrastarei comigo e bem longe a sorte, que me esperava no mundo.

Não o crimino de ter ouvido mais uma queixa do que a voz do

coração; não procuro justificar-me também; mas não posso deixar de o amar.

Viva, viva, meu pai... não me queira deixar o remorso de o matar. Bem me basta o das lagrimas, que o terei feito chorar.

Viva e esqueça-me... muito embora, para satisfazer à sociedade ingrata, seja preciso aniquilar o que ha de mais santo e mais puro no coração do homem, — o amor de pai.

Viva e esqueça-me, mas não me amaldiço.

Esqueça-me embora, que a sua lembrança viverá em mim, eterna como a de Deus, pura como a imagem d'esse mesmo Deus.

Esqueça-me para sempre, que eu jamais olvidarei que sou seu filho.

Alípio. »

A outra carta para Albertina dizia assim:

« Albertina: — Embarquei hontem na fragata D. Fernando... Vou para Moçambique; vou partir, vou deixar-te, que te não posso fazer feliz...

Vou morrer longe de ti, só com as minhas saudades, só com a minha dor.

Julguei que te não amava tanto. Albertina. Como esta partida me custa e com tudo é inevitável!

Tu, Albertina, vae ficar também sem ter com quem repartas a tua desventura, quem enxugue os teus prantos, ouça os teus queixumes e te dê coragem e esperança...

Oh! mas tu, perdão de assim t'o dizer, tu viverás, tu serás feliz ainda!...

Eu... eu sinto-me velho, parece que sinto até embranquecer-me os cabelos...

Bem o sei; é a morte, que me espera além, mas a morte lenta de cada dia, a morte do esmagar continuo do coração, a morte demorada e negra d'uma agonia intima e dolorosa. Mas tu, Albertina, vive; vive para teus pais. como eu viveria se ainda tivesse pai; vive para o mundo, como eu viveria para elle, se o mundo me não tivesse envenenado e dilacerado a esperança.

Esquece-me, Albertina; esquece-me como uma sombra triste de um dos teus sonhos innocentes.

Deus não quiz tornar venturoso o meu primeiro amor. Deus não quiz tornar-me ligeira e doce a minha peregrinação n'este valle de lagrimas do mundo. Paciencia. Era este o meu destino...

Perdão só o ter alguma vez duvidado de ti; perdão o ter-te feito soffrir; perdão... e deixa-me crer puro esse amor, tão puro como nos meus sonhos bons o queria acreditar.

Preciso agora de ter esta crença para não morrer com duvida, com a desconfiança, que ameaça de es-talar-me o coração.

Adeus, Albertina... Se feliz, é o ultimo pedido de um moribundo já que, no seu derradeiro adeus ao mundo, te quer ver sorrindo do meio da tua felicidade, para não levar para o tumulo o remorso de mais uma desventura causada por elle.

Adeus, Albertina.... Adeus mil vezes.

Alípio. »

VIII

No dia seguinte ao do embarque de Alípio tractei de fazer cumprir

as suas ultimas vontades.

Fiz entregar a carta d'elle para o pai e quiz eu mesmo ser o portador da outra.

Procurei, pois, D. Angelica de Moraes para ver se acharia lugar de entregar a filha a carta de Alípio. Botrei para a sala. Appareceu-me D. Angelica e duas filhas: uma era Albertina.

Tinha passado apenas um dia depois da partida do primo. Estava elegantemente vestida, a sua physiognomia era alegre e risoula; nem uma leve dôbra, nem um leve indicio de uma dor occulta transparecia naquella rosto juvenil e meigo.

Em contraposição áquella falta, seu cabello estava primorosamente tocado e enfeitado, sua *toilette* na ultima moda, e não lhe faltava recurso alguma da arte, que ajudasse a natureza a brilhar.

Fez-me aquillo impressão, mas quiz ainda levar mais avante o meu estudo antes de aventurar um juizo...

Pinji que não sabia ter Alípio saído de casa de seus tios e perguntei a D. Angelica:

— E o sr. Alípio, como passa?... não está em casa?

— Nada. Foi para férias ha quasi um mez. V.S. não o sabia e era seu amigo?

— E' verdade, minha senhora; era seu amigo e do coração... até a essa amizade é que eu devo a honra do conhecimento de V.Ex.; ignorava, porém a sua partida... Se elle era um esquecido!... Mas agora não é tempo de férias, tarde vêm ainda infelizmente...

— Lá isso não sei; o que é certo, é que Alípio é o modelo das virtudes, mas aquelle seu genio triste e melancolico ha de mal-o. Ama loucamente o pai: este tem estado doente e então talvez elle arranjasse licença para o ir visitar.

Vi que mentiam e queria encobrir a saída de Alípio. Disfarcei, e, mudando de conversa, perguntei para Albertina:

— E V.Ex. tem-se divertido muito?

— Eu, não; sempre os mesmos passeios, sempre os mesmos theatros, sempre o mesmo... isto também enfada.

E' verdade, minha senhora, a monotonia nos prazeres enfada mesmo mais do que a monotonia nos soffrimentos... E depois a bella estação dos bailes está quasi passada...

— Ainda não, felizmente, me tornou ella; amanhã é o baile do conselheiro de... que ainda é nosso parente, não é verdade, mamã? O papá já me prometeu de me levar lá. Hontem fui escolher uma *toilette* de baile, mas fiquei indecisa sobre a escolha da cor das flores para o enfeite da cabeça. Havia duas grinaldas muito bonitas na Elisa, uma branca, outra cor de rosa.

— Não, minha senhora, V.Ex. não deve hesitar na escolha, deve optar já pela branca. E' a cor da innocencia....

Pedi-lhe depois, que tocasse alguma coisa: queria ver se ao piano acharia ensejo de lhe entregar a carta de Alípio. Albertina sentou-se ao piano e lançou mão da primeira musica: era um *potpourri* das *Vesperas*. Depois de o tocar disse-me com um ar indifferente:

— Como V.S. é amigo de Alípio, sempre lhe quero tocar a musica

favorita d'elle; é a ultima walsa de Weber. Sei-á quasi de cor, mas confesso que não é por gosto... é uma musica tão triste, tão insipida....

— Não admire, V.Ex.; Alípio sempre teve mau gosto: peço até a V.Ex. que a não toque.

E fingindo querer tirar-lhe a musica da estante, cheguei-me ao pé e deixando escorregar a carta, disse-lhe baixo:

— E' de Alípio.

Olhou-me com admiração, fez-se levemente corada, deixou-lhe cair o lenço em cima com todo o disfarce, escondendo-a e principiou tocando a primeira musica que lhe lembrou.

Era uma walsa alegre e brilhante. Conversámos ainda e passado um momento saí. Tinha-me feito mal a maneira por que encontrára Albertina. arrependi-me até de lhe ter entregado a carta. Pobre Alípio, era por uma mulher assim que elle se matava!...

Cachoeira, —Abril 1879.

(Continuar-se-ha).

Folhetim ao Comprido

Consortio

O casamento é a união conjugal dos dois entes de diferentes sexos, resultante de uma affeição mais ou menos vehemente, mais ou menos apaixonada, do amor, enfim, que os une indissoluvelmente até que um dos conjuges tombe á beira da sepultura.

O amor... Segundo A. Dumas, o amor é um fogacho da imaginação, é uma ideia, nada mais; é uma palavra que a sociedade inventou para exprimir com mais decencia os desejos da materia.

Segundo outros; é um mytto; para muitos é uma chimera.

Para a maior parte, porém, o amor é um sentimento innato, que cresce, desenvolve-se e robustece em nossos corações na razão inversa da distancia do objecto amado.

No centro d'esta questão sentar-nos-hiamos ao lado dos ultimos.

O amor sente-se, não se define. Amor, é o beijo que a matinal aurora imprime nas petalas das flores, humedecidas pelo vivificador orvalho de uma noite, estrellada e amena.

Amor é o gemer das seivas; é o despenho das aguas; é o cio das auras; é a Natureza, é Deus finalmente!

Irresistivel é para o homem o amor da mulher; porque irresistiveis são a seducção e os attractivos d'esta.

A mulher é a arca de alliança de todas as gerações; que substatie em si toda a belleza, harmonia, fé, esperanza, amor e porvir do homem;

A mulher innocula no homem

a religião do amor pelo espirito e pelo coração;

A mulher, é, diz um philosopho contemporaneo, o Evangelho do homem.

E assim o homem guiado pelo brago apparentemente debil da mulher, transpõe o espaço, que o separa do infinito, e, abraçando-se á mulher em um estase profundo, se despa de tudo o que é terreno.

E' irresistivel, pois, para o homem o amor da mulher.

E o casamento é um principio eminentemente social; e o casamento é a mais solida columna do edificio social; é a primeira e mais importante lei social, porque é a base de todas as outras.

Este principio tão salutar opera-se por efficacia d'esse nobre sentimento, que nasce espontaneo em todos os corações, que se chama—AMOR; não esse amor cívico de paixões violentas irritas, mas esse affecto arraigado n'alma que nos enche de prazer e felicidade.

O amor funde-se pelo matrimonio e o matrimonio, effectuado por qualquer formula, sancifica o amor.

Suggeria-nos estas ponderações o recente consorcio do nosso particular amigo, sr. Augusto Alves Moreira com a sympathica e exma. sra. D. Maria do Carmo.

Expendemos nossas humilides ideias, mas em abstracto, sobre a transcendencia do acto matrimonial. Parecem-nos inconcussas.

E' tudo quanto podemos observar com o escalpello da razão e da sã philosophia, á cerca das vantagens do matrimonio.

Nosso amigo inspirado necessariamente n'estes principios; conhecedor da sublimidade do consorcio, não trepidou em desposar a eleita do seu coração, verdadeiro prototypo da honestidade, para mutuamente filiarem até ao fim a taça dos gozos mellifluros de Hymetho, que nós os celibatarios jamais poderemos palpar, comprehender...

Estão na lua de mel.
Felicitemos os jovens desposados, por tão auspicioso acontecimento; fazemos votos para que se prolonguem suas existencias quanto. . . desejarem, e enviemos-lhes um frenetico aperto de mão.

Cachoeira, Abril de 1879.
V. P.

A' pedidos

LORENA.

Ao Exm. Dr. Presidente da Provincia

Sabemos que se apresenta candidato ao cartorio de Orphãos de Lorena o sr. professor Higinio de

Moraes Salgado.

E' uma pretensão essa assáz justificavel e diremos até—uma das mais legitimas e bem-fundadas.

O sr. Higinio de Moraes Salgado é liberal de convicção,—tem serviços reaes prestados como defensor da Patria ultrajada, na campanha que sustentou contra o Paraguay e da qual sahio victorioso.

Alem de ser o sr. Higinio politico de crenças inabalaveis e indestructiveis—é ainda um benemerito da Patria—um d'aquelles a quem o nosso Monarcha e o governo promettem preferencia e protecção.

E entretanto, nas pretensões que até aqui tem alimentado—apenas lhe tem cabido o quinhão dos desherdados.

O'ra é revoltante falta de gratidão continuar o infeliz candidato a ser sempre preterido.

O sr. Higinio, á parte todas as qualidades que possui, e que são requisitadas para occupar dignamente o cargo que pretende—é um cidadão de irreprehensivel procedimento, excellentes chefe de familia e pãe de numerosos filhos menores.

Entendemos por tanto que seria um acto de verdadeira justiça se s.ex. o sr. dr. Presidente da Provincia optasse pela escolha do sr. Higinio de M. Salgado.

E, apresentando este nome á consideração de s.ex. e lembrando-lhe os factos ahí expendidos, não o fazemos por espirito politico; por quanto não commungamos os mesmos principios do nosso recommendado. Fazemol-o, sim, por um principio de equidade, e por que cremos sinceramente que o sr. Higinio tem toda a prioridade sobre qualquer outro candidato.

E o que dizemos é a

expressão do sentimento franco e desinteressado de um admirador das bellas qualidades que distinguem o sr. Higinio de Moraes Salgado.

Lorêna, Maio de 1879.

ATTENÇÃO

Tendo de reunir-se hoje em casa de residencia do redactor d'esta folha os membros encarregados de promoverem aos concertos da Capella de Santa Cruz—convida-se aos srs. officiaes carpinteiros que queiram

apresentar suas propostas para arrematação dos ditos concertos.

Cachoeira, 4 de Maio de 1879.

ANNUNCIOS

Precisa-se de uma pessoa com alguma pratica de pharmacia. Prefere-se um menor. Para informações, no escriptorio d'esta folha. 4-3

PEDREIRO

Alaga-se um escravo peadreiro perfeito. Da-se preferencia sendo para trabalhar em fazendas agricolas. Informa-se no escriptorio d'esta folha.

FAZENDA A VENDA

No Municipio da Villa do Cruzeiro, distante duas leguas desta freguezia,—vende-se por commodo preço uma das melhores fazendas de cultura com excellentes terras em matta virgem e capoeirões. Tem duas moradas nas melhores condições e todas as dependencias de um estabelecimento rural.

A sua area deve conter cerca de tresentos alqueires.

Quem pretender, dirija-se a esta typographia que se dirá com quem se tracta.

O vendedor offerece ao comprador todas as vantagens na venda.

E' negocio decidido, e bom emprego de capital.

Novidade

Grande e variado sortimento de toda a qualidade de papeis e objectos para escriptorio.

Papel pautado superior marca grande para cartas, o que ha de melhor, enveloppes, ditos, papel marca pequena, branco pautado superior; enveloppes para o mesmo; papel Cédre, alta novidade, marca pequena e enveloppes ditos á phantasia, imitando fustão cor de lavanda; mata-borrão, papel cartão, cartões superiores para visitas; superior papel em miniatura e enveloppes idem para participação de casamento, cartões para casa de commercio, papel de linho superior para escriptas, dita almasso, e finalmente grande sortimento de papel de cores para balas e muitos outros objectos de bom gosto á venda na typographia do Echo Municipal—Cachoeira.

Ultima hora

Camara Municipal do Cruzeiro.— Neste momento acabamos de receber de s. ex. o sr. dr. Presidente da Provincia a copia da ordem terminante que em data de 22 do mez p. passado transmittiu á Camara do Cruzeiro, onde declara áquella illustre corporação que não podia sob mero pretexto de mudança, excluirnos da exercicio das attribuições de Vereador.

Ainda bem. O que dirão isto o mandachuva do Cruzeiro e o seu ajudante de ordens, o sacatrapo Fornalha?

No proximo numero trataremos largamente d'esta materia, fechando d'essa maneira esta discussão, da qual, bem como na questão do correo, embora pequeno, -ainda sahimos victoriosos.

Dirigimos doridos pezames ao futuro Barão do Cruzeiro—o mandachuva cá da terra, e á seu estribeiro-nór o litterato que estala balas de estalo.

Typ. do Echo Municipal. Cachoeira.